

## 2. QUESTÕES DE ENSINO

### A ESCOLHA DE UMA PROFISSÃO

Conversando há dias com uma jovem aluna, salvo erro a que melhor classificação tem num dos nossos liceus, surpreendeu-nos — talvez por já termos esquecido outras situações semelhantes — a profunda sinceridade que transpareceu numa afirmação contudo bem estranha: «Vou para o “Técnico” porque gosto imenso de Matemática».

— «É de Física?» perguntámos.

— «De Física não gosto nada, mas de Química também gosto muito!»...

Isto é pouco, mas, para nós que lidamos com as coisas do ensino, bem sabemos o mundo de enormidades que encerram afirmações deste tipo, pronunciadas contudo com aquele entusiasmo e aquela sinceridade pura que são apanágio dos «menos de vinte anos».

A quantos dissabores, a quantas desgraças não terão conduzido semelhantes profissões de fé traduzindo como que a convicção de estar cada um possuído de critério bastante para julgar sobre o modo de vida que mais lhe convem ou, apenas, que mais lhe agrada!

Mas, não querendo «filosofar», examinemos antes o que de mais objectivo ressalta do problema abordado.

É sem dúvida reconhecer-se que entre o 5.º e 7.º ano, o aluno do liceu que tem condições para frequentar um curso superior «escolhe» o curso e, quasi sempre, idealiza-o como garante seguro de dada carreira.

Não consideraremos aqui os restantes alunos porque para eles a questão análoga não

faz sentido, de tal modo é superiormente absurda a tentativa de estabelecer qualquer relação entre as exigências profissionais e as bases formativas do ensino liceal.

Voltando aos futuros «doutores» e quejandos, não nos parece que se deva buscar a solução do seu Problema num qualquer organismo de orientação profissional, se bem que, em muitos casos, esta tenha já feito as suas provas quando conscientemente aplicada.

Parece-nos antes que se deveria tentar ajudá-los promovendo

1.º) Que os professores das várias disciplinas se aplicassem a esclarecer os seus alunos sobre a natureza do ensino liceal e sobre as ciências cujos nomes servem para designar aquelas disciplinas.

2.º) Que se valorizasse os esclarecimentos anteriores dando aos alunos ideias simples mas claras sobre as profissões em que se cultivam aquelas ciências.

Será preciso justificar as vantagens, a necessidade, de assim proceder?

Não cremos, pois todos nós conhecemos a cada passo exemplos vivos — por vezes tristes exemplos — consequências directas de uma formação omissa.

Alguns, no entanto, têm-nos impressionado mais e, entre estes, registaremos aqui os seguintes:

1. Embora se ensine física há mais de 40 anos nos nossos liceus, quantas pessoas

«cultas» sabem o que alguém quer significar quando, à pergunta «o que é que V. faz?» responde «sou físico»?

2. Quantas pessoas não confundem, como aquela jovem a que nos referimos, o prazer da execução de cálculos com o gosto pelo estudo da matemática?

3. Quantos jovens não seguiram a carreira da advocacia porque tinham «o dom da palavra»?

4. E os médicos que o são porque a família tira daí uma profunda vaidade, alimentada por um ambiente de admiração em torno do médico!

5. E os professores?...

Como há-de o aluno do liceu escolher a sua futura profissão? E tem de o fazer, pelo menos tem de limitar a sua liberdade de escolha, num momento em que, entre tanta coisa que se lhe exige, nem uma hora por semana, durante dois ou três anos, se lhe oferece com substância que o oriente naquela escolha.

Porque não se há-de pedir a profissionais de diversas carreiras que façam várias conferências para os nossos jovens estudantes dando-lhes a conhecer o fruto da sua experiência?

Não seria esta uma transparente bola de cristal onde cada um poderia tentar adivinhar melhor o que mais lhe conviria?

A. GIBERT  
Julho 1951

#### QUESTÕES LICEAIS

Visa o programa do actual 3.º ciclo dos liceus, segundo a letra do artigo 3.º do Decreto n.º 36508, «a preparar os alunos para o ingresso em grau superior do ensino».

A medida em que esse objectivo foi atingido só podia ser rigorosamente determinado pela comparação dos resultados obtidos nos exames das diferentes cadeiras do 1.º ano dos cursos superiores, realizados antes e depois da publicação do referido decreto, admitida a premissa de que não houve alteração nem nos programas nem no critério de classificação dos exames daquelas cadeiras.

E sem esses dados estatísticos ainda se podia analisar a veracidade da questão posta se os professores universitários respondessem a questionário convenientemente elaborado.

Porém, e restringindo-me somente a determinados cursos, ressalta que o objectivo visado deve ter sido atingido em certa medida.

Entre as matérias constantes do presente programa liceal e que não faziam parte do anterior, encontra-se por exemplo, o reaparecimento do Desenho no 3.º ciclo, disciplina que não pode ser dispensada aos alunos que se dirijam para os cursos de engenharia, e na

qual são dados os elementos de geometria descritiva que permitem que os estudantes da licenciatura em C. Matemáticas, Escolas Militares, etc., iniciem o curso da geometria descritiva com menor dificuldade da que forçosamente encontrariam se não estudassem aqueles elementos nos liceus. E se as noções de infinitamente pequeno, limite e derivada não são apresentadas com a clareza e precisão com que podiam ser tratadas no liceu, a sua inclusão nos actuais programas liceais apresenta, porém, a vantagem de dar aos alunos uma ideia do modo como as utilizarão em posteriores estudos universitários.

A importância do estudo destas noções no liceu é ainda reforçada pelo facto de elas serem aplicadas nas cadeiras de Física, anteriormente ao seu estudo matemático na cadeiras de Álgebra ou de Matemáticas Gerais.

Por tudo isto foi acertada a reposição nos actuais programas liceais de rubricas envolvendo os elementos de geometria descritiva, infinitamente pequeno, derivadas, etc.

Todavia, a reposição daquelas noções elementares jamais poderá contribuir para uma melhor preparação pré-universitária, se uma